

An anatomical drawing of a human torso, showing the skeletal structure, muscles, and internal organs. The drawing is rendered in a light, sketchy style, with a focus on the central and lower portions of the body. The word "ENTREVISTA" is overlaid on the drawing in a bold, black, sans-serif font.

ENTREVISTA

Literatura e medicina nos saberes de Isabel Fernandes

Isabel Fernandes: on literature and medicine

FABIANA PRANDO*

SUZIE MARRA**

Esta entrevista foi concedida à Via Atlântica pela Professora Doutora Isabel Fernandes, Professora Catedrática em Letras da Universidade de Lisboa e responsável pelo *Projecto Narrativa & Medicina: (Con)textos e Práticas Interdisciplinares*, que visa promover intersecções produtivas entre as humanidades e a medicina. Esse Projecto, coordenado pela Professora Isabel Fernandes desde 2009, faz parte de um esforço de pesquisa mais amplo associado, em termos mundiais, a desenvolvimentos recentes na Medicina Narrativa e nas Humanidades Médicas.

Em março de 2014, quando veio ao Brasil para participação no Congresso Internacional de Humanidades & Humanização em Saúde, promovido pelo Hospital das Clínicas e pela FMUSP, Isabel Fernandes esteve também na FFLCH, a con-

* Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Membro do GENAM – Grupo de Estudos em Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo.

** Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Membro do GENAM – Grupo de Estudos em Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo.

vite do GENAM – Grupo de Estudos em Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo. Agora, conceda-nos esta entrevista, em que fala sobre sua carreira como docente e crítica literária, conta sua aproximação com os círculos médicos, detalha sua experiência com o Projecto N&M e o intercâmbio que mantém com várias Universidades na Europa e nas Américas, além de tecer importantes considerações sobre as humanidades e sua conexão com a medicina e a saúde.

“ [...] escritores que tomam para si o propósito de penetrar na alma humana, com maior ou menor acutilância, acabam por tocar em questões essenciais para todos nós, como a precariedade da vida, o confronto com o envelhecimento, com a morte, a dificuldade de comunicação e os desencontros nas relações interpessoais, os quais podemos sempre relacionar com as temáticas que nos interessam em cursos de Humanidades Médicas ou de Medicina Narrativa.”

(Isabel Fernandes)

VIA ATLÂNTICA: Professora Isabel, olhando para sua extensa trajetória acadêmica, gostaria de destacar alguma passagem significativa?

ISABEL FERNANDES: Destacaria dois momentos para mim significativos: o facto de ter decidido, logo no início da minha carreira, leccionar um curso de graduação destinado em particular a estudantes do 1º ano, então chamado de Introdução ao Estudo da Literatura, onde pude praticar com os meus alunos a leitura literária e experimentar a prática do ‘close reading,’ um método de leitura oriundo da tradição académica anglo-saxónica da primeira metade do séc. XX e que sensibiliza e treina os leitores no sentido de dar uma atenção minuciosa à letra dos textos. Desde esse momento, no longínquo ano de 1975, nunca mais deixei de leccionar essa unidade curricular.

Muito mais tarde, em 2008, apercebi-me de que esse método de leitura podia ser utilizado com vantagem na formação de outros estudantes – os de Medicina, e também na dos profissionais de saúde em geral, com benefícios para a relação

com os respectivos doentes. Esse foi um momento de viragem para mim, pois iniciei um percurso bem diferente do até aí trilhado, mas coerente com o meu passado académico e igualmente compensador.

VA: Como se aproximou do tema Literatura e Medicina?

IF: Em parte já respondi a essa questão, mas poderei contar um episódio que ilumina as circunstâncias concretas desse encontro. Foi precisamente em Maio de 2008, quando, ao participar num colóquio sobre narrativa (Narrative Matters Conference, em Toronto, no Canadá), ouvi uma palestra proferida pela Professora Rita Charon em que esta médica, também com formação literária, enaltecia as potencialidades do ‘close reading’ e da leitura de textos literários, em particular de narrativas, na educação dos médicos. Foi uma revelação que haveria de mostrar-se inspiradora para alguém que, como eu, sempre acreditara nas potencialidades do ‘close reading’ no ensino e se dedicara ao estudo avançado da narrativa como género, na trilha aberta pelo dialogismo de Mikhail Bakhtin relativamente ao romance. Um ano depois, apoiando-me em amigos e colegas da minha e de outras áreas (em particular, a área médica e a filosofia), dava início em Lisboa ao projecto Narrativa & Medicina que desde então não tem parado de crescer...

VA: Como se dão as experiências práticas com narrativas das áreas médicas em Portugal?

IF: Não há muito tempo, as ciências sociais e humanas experimentaram o chamado ‘narrative turn,’ reclamando a importância e o papel crucial da narrativa como método operativo (veja-se, por exemplo, o que disse a este respeito Catherine K. Riessman, em obra de 2008). A área dos estudos literários, como facilmente se compreenderá, está particularmente bem posicionada para ser parceira em projectos de índole interdisciplinar que entrem em linha de conta com instrumentos e métodos narrativos. Então, para além de promovermos uma intensa actividade de pesquisa, nós temos actuado em diversos âmbitos em que as narrativas podem desempenhar uma função prática, designadamente: formação e intervenção em espaço hospitalar / clínico. Ao nível da formação quer de estudantes das áreas da saúde quer de humanidades e ciências sociais, as narrativas são um objecto e um instrumento fundamental utilizado

pela nossa equipa multidisciplinar de formadores, que sobre elas fazem incidir um olhar especializado, com o objectivo de criar nos formandos competências narrativas (de descodificação e de elaboração) e a concomitante consciência do papel crucial das mesmas na relação terapêutica. Como defende Rita Charon, trata-se de promover a competência narrativa viabilizadora dum desempenho mais próximo da pessoa do doente e, como tal, mais humanizado e clinicamente mais eficaz. A nossa intervenção no espaço hospitalar tem-se revestido de duas dimensões: dinamização de grupos de leitura e escrita com pessoal de saúde e observação de consultas tendo como foco os seus aspectos semióticos (linguagem verbal, gestual, silêncios, etc.). No caso dos grupos de leitura e escrita, procuramos criar espaços de descompressão e de (auto)reflexão em profissões de grande desgaste emocional e físico, como é o caso de médicos e enfermeiros. No que toca à observação de consultas, visamos a promover a melhoria da comunicação e da relação entre cuidador e doente e, com isso, tornar os processos terapêuticos mais eficazes.

VA: Como teve início o Projecto Narrativa & Medicina? Conte-nos a respeito do seu carácter multidisciplinar e também de seus parceiros e apoiadores.

IF: Tal como já referi, o projecto iniciou a sua actividade no Verão de 2009, um ano após o meu ‘encontro’ com Rita Charon que viria a assumir, pouco depois, as funções de nossa consultora. Após um primeiro colóquio de carácter exploratório em Lisboa, em Setembro de 2010, em que se procurou atrair e fazer convergir o maior número de interessados nesta temática, sobretudo em nível nacional, foi possível alargar o núcleo inicial de investigadores, constituir uma verdadeira equipa internacional, desenvolver e aprofundar colaborações internacionais e iniciar um calendário regular de actividades na área, com ciclos anuais de palestras, promoção de cursos de Verão de periodicidade também anual e outras iniciativas tais como, por exemplo, um ciclo de cinema. Em 2012, candidatámos para financiamento um projecto pioneiro nesta área em Portugal, *Narrativa e Medicina: (con)textos e práticas interdisciplinares*, tendo obtido da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia a classificação de “Excelente” e o apoio financeiro que nos permitiu incrementar as nossas actividades durante os anos de 2013 a 2015, dando início a um Seminário Permanente, para disseminação dos resultados da nossa pesquisa, a publicações várias e à realização, em Março de 2015, do Congresso Internacional *Cuidar do Futuro: Narrativa e*

Medicina / Caring for the Future: Narrative and Medicine. Ainda antes, porém, lográmos atrair a atenção de estudantes nacionais e internacionais (Itália, Brasil) que nos procuraram para desenvolver estágios e/ou projectos de doutoramento ou pós-doutoramento. Aprofundámos também a nossa dimensão multidisciplinar agregando às áreas humanísticas (estudos literários, estudos fílmicos, filosofia, ética) e à medicina, outros campos, designadamente, a enfermagem, a farmácia, a psicologia e a sociologia. Assim, foi possível incrementar, a partir de 2012, na Universidade de Lisboa, uma unidade curricular de pós-graduação em Medicina Narrativa (a funcionar simultaneamente como Curso Livre) em regime de módulos leccionados por professores de diferentes áreas disciplinares. Neste momento, as nossas parcerias inter/nacionais incluem, entre outros, centros estrangeiros como o Centre for the Humanities and Health do King's College London e o Laboratoire d'éthique médicale da Université Paris Descartes, mas continuamos em processo de expansão, tendo sido recentemente desafiados para colaborar com uma instituição italiana. A lista dos centros e instituições de saúde e de ensino superior nacionais que conosco colaboram é tão extensa que seria fastidioso enumerá-los... Poderá ser consultada online no nosso site: http://narrativaemedicina.lettras.ulisboa.pt/?page_id=51. Além disso, em termos formativos, a nossa unidade curricular é agora oferecida também fora da Universidade de Lisboa, aos estudantes da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa.

VA: Há interligações entre o Projecto Narrativa & Medicina que a senhora coordena e a Narrative Medicine, da Columbia University, o Medical Humanities, do King's College, o trabalho desenvolvido na Université Paris-Descartes e outros similares? Como acontece essa interlocução?

IF: Sim, de facto, todas essas instituições têm vindo a colaborar conosco. No caso do Program in Narrative Medicine da Universidade de Columbia, temos recebido apoios de diversa índole: o desempenho de Rita Charon como consultora desde a primeira hora e até ao presente, a possibilidade de alguns de nós estagiarem brevemente em Columbia, a vinda de docentes e investigadores de Columbia a iniciativas nossas, como por exemplo, ao nosso colóquio internacional de 2015. No que diz respeito aos outros dois centros parceiros que referem, trata-se dum trabalho mais sistemático e continuado em que contamos com a efectiva participação na nossa equipa de pesquisa de investigadores desses cen-

tros. Além disso, tem havido um intercâmbio regular de investigadores e uma estreita colaboração com estágios de curta ou média duração em que procuramos aprender uns com os outros e partilhar experiências. Por exemplo, neste momento, uma das nossas investigadoras e bolsreira pós-doc encontra-se em Paris em estágio.

VA: Qual é, na sua opinião, a especificidade do grupo português nesse trabalho?

IF: O facto de o projecto ter nascido no âmbito dum Centro de Estudos Anglísticos não foi casual e não pode deixar de ter impacto no modo como nos temos posicionado. O 'close reading' é, como já disse, uma prática pedagógica marcadamente anglo-saxónica e a sua aliança à leitura / análise de narrativas diz muito da natureza de partida do nosso núcleo inicial, onde predominam pessoas da área dos estudos literários, sobretudo de expressão inglesa. Por outro lado, na génese do projecto, estão também duas figuras de médicos filósofos cuja importância me cabe destacar; refiro-me ao Professor João Lobo Antunes, nosso consultor e apoiante desde o início, e ao meu amigo, Professor Manuel Silvério Marques, sem cujo apoio e empenho o projecto não teria sequer arrancado. A aliança inicial entre estas três áreas: estudos literários, medicina e filosofia marcou e marca ainda a nossa abordagem e o nosso posicionamento no âmbito da Medicina Narrativa.

VA: Como Ex-Directora do Centro de Estudos Anglísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEAUL), a senhora tem um ponto de vista privilegiado na percepção do encontro das duas tradições, a anglística e a lusófona. Como avalia essa singularidade? Que contribuição fundamental os falantes da língua portuguesa podem, em sua opinião, oferecer à abordagem de origem predominantemente anglófona que configura a Narrative Medicine e as Medical Humanities?

IF: A pergunta é relevante e oportuna e mereceria uma resposta mais fundamentada do que aquela que tenho para oferecer neste momento. De facto, o modo de entender e praticar esta nova área é marcadamente diferente nos países anglófonos e nos lusófonos. Mesmo naqueles há diferenças que valeria a pena ter em conta, por exemplo: nos Estados Unidos o enfoque tem sido mais especificamente no exercício da prática clínica e, portanto, deriva da Medicina Narrativa, enquanto no Reino Unido há tendência para cultivar mais as cha-

mas Humanidades Médicas, não havendo uma preocupação pragmática tão imediata. Nos casos português e brasileiro, apesar das diferenças significativas (socio-culturais, sistema de saúde, natureza da população, etc.) que nos distinguem, eu diria que estamos ambos pressionados para adotarmos um enfoque mais virado para a prática clínica e oferecer resultados socialmente impactantes, o que nos aproxima de Columbia. Porém, do que conheço de projectos brasileiros nesta área, como por exemplo o GENAM, partilhamos ainda uma preocupação marcada relativamente à fundamentação teórica e filosófica que não encontro de modo tão enfático e generalizado nos Estados Unidos, mas mais no Reino Unido. Contudo, seria importante desenvolvermos um verdadeiro trabalho de pesquisa socio-histórica sobre as especificidades contextuais de cada país, para percebermos melhor o que nos une e o que nos distingue e, conseqüentemente podermos avaliar as formas de intervenção mais adequadas a cada caso. Há aqui trabalho a fazer...

VA: A Revista Anglo Saxônica – uma publicação do Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa (CEAUL) – teve recentemente um número temático voltado à narrativa e medicina que contou com artigos de especialistas em diversos campos do saber. Poderia tecer um comentário sobre essa edição e suas contribuições para outros projetos da área?

IF: Tratou-se dum número temático sobre Humanidades Médicas, cujo *guest-editor* foi o Professor Brian Hurwitz, investigador do nosso projecto e simultaneamente Director do Centre for the Humanities and Health (King's College London). O volume inclui seis ensaios de autores oriundos de áreas disciplinares diferentes e conta com uma excelente introdução ao conceito de Humanidades Médicas da autoria de Hurwitz, a qual será certamente um contributo a ter em conta por quem se interesse pela génese e natureza desta área. Este número da revista está disponível online em: <http://www.ulices.org/images/site/pdfs/asaxoiii-n10.pdf>

Como sou uma das pessoas que colaboraram no volume, não me parece adequado fazer juízos sobre o respectivo conteúdo, mas convido todos os interessados a consultarem a revista *Anglo Saxonica*, série III, nº 10, 2015, e a formarem a sua própria opinião.

VA: Poderia nos contar um pouco como vem se dando a parceria do Projecto Narrativa & Medicina com o GENAM – Grupo de Pesquisa em Literatura, Narrativa e Medicina da Universidade de São Paulo? Há outros parceiros do Projecto no Brasil?

IF: As parcerias surgem frequentemente de contactos pessoais. No caso concreto das ligações do nosso projecto ao Brasil, elas surgiram por eu ter sido contactada por colegas brasileiros interessados em conhecer melhor o nosso trabalho e eventualmente em colaborar connosco. Foi assim no caso do GENAM. Tudo começou com a visita da Professora Fabiana Carelli a Lisboa em 2011, se não me engano... Daí para cá, também por via de algumas afinidades de interesses e pontos de vista, a troca de experiências e a colaboração foi crescendo e, neste momento, a proximidade e intercâmbio concretizou-se em diversas iniciativas: palestras e seminários da minha responsabilidade em São Paulo, palestras e comunicações da Prof. Carelli em Lisboa, colaboração em candidaturas de projectos conjuntos na área da Medicina Narrativa e, mais recentemente, o estágio de pós-doc da Prof. Carelli em Lisboa (ainda em curso), do qual tenho a honra de ser a responsável científica. Além da Prof. Carelli, recebi também a visita de outros colegas do Brasil, designadamente da Faculdade de Medicina da UNESP, em Botucatu, e com eles encetei frutuosa colaboração. Por minha iniciativa, tirando partido duma das estadias no Brasil, pedi para conhecer o trabalho desenvolvido pelo Lab Hum da UNIFESP, tendo mantido desde então contactos regulares com esse grupo. Tal como a USP, também estas duas últimas instituições foram convidadas por mim a participar como parceiras numa candidatura dum projecto que submeti recentemente à FCT. Deposito grandes expectativas na possibilidade de irmos a incrementar no futuro estas parcerias.

VA: Gostaríamos que comentasse um pouco os dois últimos livros organizados por si: *Criative Dialogues: Narrative and Medicine* e *Contar (com) a Medicina*.

IF: Começarei pela antologia em português, *Contar (com) a Medicina* (Ed. Pedogo, 2015), por poder ser de interesse prático imediato para um público brasileiro. Trata-se duma obra de autoria colectiva que reuniu um grupo de trabalho composto por vários elementos da nossa equipa de investigação e que contém um conjunto de sessenta textos, maioritariamente excertos de obras ficcionais, de autores do séc. XX, traduzidos de várias línguas europeias (inglês, alemão, francês, castelhano e sueco) e relacionados com a medicina. Os textos

são precedidos duma nota introdutória e explicativa que fornece o respectivo enquadramento. O volume organiza-se em três secções principais intituladas: “Doentes,” “Cuidadores” e “Família,” de acordo com o ponto de vista de quem vive, de quem trata ou de quem se relaciona com e reflecte sobre a doença e a perspectiva da morte. Quisemos, com esta antologia, tornar acessíveis aos estudantes e aos formadores na área da Medicina Narrativa textos diversificados susceptíveis de serem objectos de análise e de reflexão em contexto pedagógico. Julgamos ter produzido uma ferramenta de trabalho útil mas, simultaneamente, capaz de atrair também o chamado leitor comum.

Quanto ao segundo livro, publicado em inglês com o título *Creative Dialogues: Narrative and Medicine* (Cambridge Scholars Publishing, 2015), que tem na capa uma belíssima fotografia gentilmente cedida pelo brasileiro André François, ele é o resultado duma selecção de ensaios e artigos que foram sendo apresentados em iniciativas diversas do projecto ao longo dos primeiros anos da nossa actividade e que procura espelhar a amplitude de enfoques disciplinares e de preocupações que nos caracteriza, ao mesmo tempo que inclui autores de prestígio internacional (Rita Charon, João Lobo Antunes, Diego Gracia, Richard Zaner, entre outros) a par de simples (mas nem por isso, negligenciáveis) investigadores do projecto.

VA: Como a senhora enxerga os objetivos e desafios futuros no espaço destinado às humanidades médicas e medicina narrativa?

IF: Penso que o maior desafio para a Medicina Narrativa (não tanto para as Humanidades Médicas) é o da sua afirmação como disciplina. De facto, pode argumentar-se que a área recobre acções e práticas muito diversificadas unidas por um propósito comum: o da melhoria da relação médico / doente. O carácter virtuoso do objectivo não cauciona nem garante, porém, o seu reconhecimento como configuração disciplinar em contexto académico. O teor algo esparso da sua acção, de grande variabilidade metodológica, ameaça a credibilidade da Medicina Narrativa. Acredito, porém, que seja possível encontrar meios de lhe grangear a necessária autoridade. Para isso precisamos da filosofia, da sociologia, da história da Medicina, da (teoria da) literatura e dum verdadeiro diálogo interdisciplinar entre todas elas.

VA: Professora, não podemos encerrar esta entrevista sem antes visitar o seu rico e cultivado repertório de leitora. Quais autores assinam a sua lista de favoritos? Por que ocupam um lugar especial? Algum deles merece ênfase por reflexões relativas à questão da saúde? Muito obrigada!

IF: Entre os meus autores favoritos estão aqueles que melhor conheço e sobre os quais escrevi, destacando-se aqui os de língua inglesa, por dever de ofício, mas também por gosto genuíno...! Refiro-me concretamente a D. H. Lawrence, Emily Brontë, Jane Austen, Joseph Conrad, A. S. Byatt, ainda que eu incluísse também poetas como William Blake e William Wordsworth. Nestes casos, não se pode dizer que exista uma relação manifesta e particular com as questões atinentes à saúde, mas cada um deles, por serem escritores que tomam para si o propósito de penetrar na alma humana, com maior ou menor acutilância, acabam por tocar em questões essenciais para todos nós, como a precariedade da vida, o confronto com o envelhecimento, com a morte, a dificuldade de comunicação e os desencontros nas relações interpessoais, os quais podemos sempre relacionar com as temáticas que nos interessam em cursos de Humanidades Médicas ou de Medicina Narrativa. Fora do espaço anglófono, admiro particularmente o médico e escritor russo Anton Tchékov – esse, sim, com motivos de sobra para ser adoptado numa *reading list* desses cursos! Na língua portuguesa, tenho particular prazer em ler José Saramago e Hélia Correia. No caso brasileiro, destacaria os sonetos de Vinicius e a prosa de Clarice Lispector. Na minha maneira de encarar o uso da literatura em cursos de Medicina Narrativa ou de Humanidades Médicas, contudo, para um autor ser relevante não precisa de nos relatar um caso de doença ou de morte, ou de nos descrever uma consulta. Basta que seja um bom escritor. Tanto consigo tirar partido dum conto de Tchékov com protagonistas médicos, como “Enfermaria Nº 6”, como dos parágrafos de abertura do romance de Virginia Woolf, *To the Lighthouse*. No fundo, acredito, com G. G. Harpham, que: “mais do que qualquer outro assunto, a literatura se presta a um ensino poderoso”!